

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE EDUCAÇÃO FÍSICA
CURSO DE BACHARELADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

LUCAS MEDNIS

**COMPETIÇÃO E COOPERAÇÃO: AS DIFERENTES IMPLICAÇÕES NA
INICIAÇÃO ESPORTIVA**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

CURITIBA
2018

LUCAS MEDNIS

**COMPETIÇÃO E COOPERAÇÃO: AS DIFERENTES IMPLICAÇÕES NA
INICIAÇÃO ESPORTIVA**

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação, apresentado a disciplina de TCC 2 do Curso de Bacharelado em Educação Física do Departamento Acadêmico de Educação da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, como requisito parcial da obtenção do título de Bacharel em Educação Física.

Orientadora: Profa. Doutora Raquel Nichele de Chaves

CURITIBA
2018



Ministério da Educação
Universidade Tecnológica Federal
do Paraná
Câmpus Curitiba
Diretoria de Graduação e Educação
Profissional
Departamento de Educação Física
Bacharelado em Educação Física



TERMO DE APROVAÇÃO

COMPETIÇÃO E COOPERAÇÃO: AS DIFERENTES IMPLICAÇÕES NA INICIAÇÃO ESPORTIVA

Por

LUCAS MEDNIS

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) foi apresentado em 31 de outubro de 2018 como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharelado em Educação Física. O candidato foi arguido pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho **aprovado**.

Prof. Dra. Raquel Nichele de Chaves
Orientadora

Prof. Dra. Daniela Isabel Kuhn
Membro titular

Prof. Dr. Rogerio Cesar Fermino
Membro titular

AGRADECIMENTOS

Certamente não contemplarei todas as pessoas que foram importantes para minha formação nestes agradecimentos, a estas peço desculpas pela ausência neste texto, mas destaco que sempre serei grato em meus pensamentos por todo o apoio de todos que de alguma forma contribuíram na minha trajetória.

Agradeço primeiramente a todos os professores cujo tive o privilégio de ser aluno durante meu período de graduação, que no decorrer de todo curso trouxeram-me ensinamentos importantes, não só acadêmicos e profissionais, mas que trouxeram frutos para toda minha vida, e sempre estarão presentes em minhas ações. Em especial agradeço a minha orientadora, Professora Doutora Raquel Nichele de Chaves, que desde os primeiros períodos vem me auxiliando e orientando em várias tarefas e trabalhos incluindo este.

Sou muito grato também aos meus colegas que sempre me apoiaram e tornaram mais agradável toda minha trajetória durante a graduação.

Agradeço a minha namorada, Luiza Mayara Ribeiro de Souza, por todo seu apoio, paciência e grande ajuda, com suas correções e auxílio na escrita, sendo fundamental para que eu conseguisse concluir este trabalho.

Obrigado a toda minha família, especialmente meus pais, Elise Muller Mednis e Leonid Mednis Filho, que sempre se esforçaram para proporcionar uma educação de qualidade, sempre investindo em mim e apoiando minhas decisões, sem nunca esperar algo em troca.

Por fim, sou muito agradecido também a Deus, por seu amor, por eu sempre ter sido privilegiado e por todas as oportunidades proporcionadas.

RESUMO

MEDNIS, Lucas. **Competição e Cooperação: as diferentes implicações na iniciação esportiva**. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso. Curso de Bacharelado em Educação Física. Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2018.

A iniciação esportiva infantil é um tema complexo, sobretudo quanto à decisão da melhor abordagem. Dentre as vertentes relacionadas à Educação Física infantil, destacam-se a competição, característica comum do esporte, e a cooperação, na qual são propostas atividades prioritariamente cooperativas. Parece não haver, ainda, um consenso de qual a melhor abordagem, tampouco uma reflexão mais profunda sobre o assunto, o que dificulta o trabalho dos profissionais que atuam nesse contexto. Desse modo, o objetivo do presente estudo foi identificar as evidências científicas quanto às implicações das atividades competitivas e cooperativas no comportamento das crianças em iniciação esportiva. Foi realizada uma revisão sistemática para sintetizar os dados disponíveis sobre as implicações (positivas e negativas) das abordagens cooperativa e competitiva no comportamento das crianças em iniciação esportiva. As buscas foram efetuadas nas bases de dados *Scopus*, *EBSCO*, *PubMed*, *PsycInfo*, *Bireme*, *Web Of Science*, *Physical Education Index*, *Sociologica Abstracts*, utilizando os seguintes descritores/palavras-chave: “*competition*”; “*cooperation*”; “*sport*”; “*behavior*”; “*child*”; “*teenager*”. Foram selecionados 31 artigos para revisão, destes, 26 abordaram predominantemente a competição, três a cooperação e dois trataram de ambas abordagens. A competição e cooperação mostraram implicações negativas e positivas, e sozinhas demonstraram não ser capazes de contemplar todas as necessidades dos jovens em desenvolvimento. Entretanto, se forem trabalhadas de forma bem articulada e clara pelos professores e técnicos, as práticas competitivas e cooperativas podem aperfeiçoar os benefícios da iniciação esportiva para as crianças e adolescentes.

ABSTRACT

MEDNIS, Lucas. **Competition and Cooperation: The Implications of Two Methods in Sports Initiation**. 2018. Bachelor's Degree in Physical Education. Federal Technological University of Paraná, Curitiba, 2018.

Children's sporting initiation is not an easy subject, especially in deciding the best approach. Among the aspects related to Infant Physical Education, the most important are competition, an essential characteristic of sport, and cooperation, which the proposed activities are priority cooperative. There seems to be no consensus as to the best approach or a deeper reflection, which hampers the work of professionals working in this context. This present study intends to identify the scientific evidences regarding the implications of competitive and cooperative activities in the behavior of children in sports initiation. A systematic review will be carried out to synthesize the available data on the implications (positive and negative) of the cooperative and competitive approaches in the behavior of children in sports initiation. The searches will be performed in the databases Scopus, EBSCO, PubMed, PsycInfo, Bireme, Web Of Science, Physical Education Index, Sociologica Abstracts, using the following descriptors / keywords: "competition"; "cooperation"; "sport"; "behavior"; "child"; "teenager". This review will be constructed according to the following phases: (1) search for articles pertinent to the topic of study; (2) peer review of titles found and exclusion from non-relevant articles; (3) selection of articles according to the abstract; (4) refinement of the selection of articles chosen by pairs from the complete reading of each study; (5) construction of a critical summary of each selected article for better organization of the data; (6) final preparation of this review; (7) presentation of this review as a course completion work. There are at least three consensus meetings between the researchers responsible for the search and refinement of articles. 31 articles were selected for review, of these, 26 dealt predominantly with competition, 3 with cooperation, and 2 dealt with both approaches. Competition and cooperation showed negative and positive implications, and on their own they demonstrated that they were not able to meet all the needs of young people in development. However, if they are worked out in a well articulated and clear manner by teachers and coaches, competitive and cooperative practices can enhance the benefits of sports initiation for children and adolescents.

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1.** Fluxograma de seleção e exclusão de referências para a revisão sistemática..... 16
- Figura 2.** Divisão dos valores sociais provenientes da iniciação esportiva..... 30

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Estudos que abordaram predominantemente o processo competitivo.....	20
Tabela 2 - Estudos que abordaram predominantemente o processo cooperativo.....	26
Tabela 3 - Estudos que abordaram os processos competitivos e cooperativos.....	26

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
1.1. PROBLEMA.....	13
1.2. OBJETIVO GERAL.....	13
1.3. OBJETIVOS ESPECÍFICOS	14
2. METODOLOGIA	15
3. RESULTADOS	17
4. DISCUSSÃO	28
5. CONCLUSÃO	33
REFERÊNCIAS	34

1. INTRODUÇÃO

As atividades motoras costumavam ser parte do cotidiano natural dos indivíduos na infância (KROGER; ROTH, 2005). A possibilidade de brincar em espaços públicos permitia que as crianças vivenciassem ações capazes de contribuir de maneira ampla para seu desenvolvimento saudável (NETO 2008). No entanto, a cultura do brincar na rua, infelizmente, não faz mais parte seu dia a dia (KROGER; ROTH, 2005; NETO 2008).

O brincar é uma das formas mais comuns de comportamento na infância, que se caracteriza como um processo espontâneo e imprevisível, que atente as necessidades generalistas das crianças e possui atributos essenciais para qualidade de vida (KROGER; ROTH, 2005; NETO 2008). Entretanto, mudanças radicais dos últimos 20, 30 anos alteraram significativamente os costumes tornando o tempo das crianças mais planejado, uniformizado e organizado (NETO, 2008). Este estilo de vida padronizado diminuiu a independência, autonomia e a adaptabilidade das crianças, com graves implicações no desenvolvimento motor, emocional e social (NETO, 2008). Portanto, agora cabe, também, ainda mais aos profissionais de educação física oportunizar maneiras que possibilitem a vivência das ações motoras (KROGER; ROTH, 2005).

As atividades esportivas são importantes para o desenvolvimento geral de crianças e adolescentes, fato que justifica a existência de estudos que averiguem se as formas de trabalho são coerentes com as necessidades, características e fase do desenvolvimento dos jovens (ARENA; BOHME, 2000). Nesse contexto, destaca-se a iniciação esportiva infantil. A iniciação esportiva pode ser caracterizada pelo período em que a criança inicia o processo de aprendizagem dentro do esporte até sua dedicação exclusiva em alguma modalidade (GRECO; BENDA, 2007). O termo é caracterizado como um processo que perdura um determinado período de tempo, no qual o sujeito passa por experiências de atividades físicas e esportivas que se encaixam em certo padrão regrado (KROGER; ROTH, 2005).

A iniciação esportiva tem grande importância com relação à socialização e integração dos jovens, pois seus valores podem ser aplicados no ambiente social, que demandam uma reação às regras e padrões de comportamento

(GRECO; BENDA, 2007). Pode-se afirmar, portanto, que a iniciação esportiva, além de proporcionar a aprendizagem de uma ou de várias modalidades esportivas, torna o indivíduo capaz de discernir, resolver e agir diante de situações, tarefas ou problemas de forma independente e inteligente tanto no contexto esportivo como no contexto social (GRECO; BENDA, 2007).

No contato com o esporte, a criança tem ricas e diversificadas oportunidades de desenvolver suas habilidades motoras, em suas diferentes complexidades (TANI et al., 2006). Embora fases e estágios de desenvolvimento estejam bem descritos na literatura (GALLAHUE et al., 2013), com indicações do percurso que a criança fará quanto ao refinamento de suas habilidades motoras, verifica-se a presença de forte diferença interindividual (DE CHAVES et al., 2013; MEDINA-PAPST; MARQUES, 2010). Assim, o ensino dos esportes deve considerar as diferenças individuais das crianças, respeitar suas características, com vistas não só à formação de atletas, mas também à formação e construção de estilos de vida e inclusão (BELTRAME; SAMPAIO, 2015). A iniciação esportiva é também o período em que a criança tem mais forte possibilidade de ser fidelizada na prática esportiva, isto é, um momento onde a proficiência em habilidades motoras e o desenvolvimento de capacidades motoras serão constituídos de forma diversificada, oportunizando a prática para o maior número possível de indivíduos, criando para essas crianças repertório motor sólido e consistente, para que essas, futuramente, especifiquem as habilidades nas modalidades escolhidas por elas, seja praticando o esporte de alto rendimento ou atividades lúdicas (TANI et al., 2006).

Ao longo do tempo, a Educação Física no Brasil passou por uma série de mudanças, desde práticas predominantemente higienistas, passando por tendências tecnicistas e, opondo-se a essas, as vertentes humanistas (DARIDO; RANGEL, 2005). Uma série de outras abordagens também surgiu buscando obter a melhor forma de ministrar a educação física para as crianças, incluindo o ensino dos esportes (DARIDO; RANGEL, 2005). Neste trabalho foram destacados dois tipos de abordagens que estão presentes em diferentes proporções nestas vertentes, a competitiva e a cooperativa.

A competição é um processo social que ocorre a partir de recompensas com base em seu desempenho em comparação com outros

indivíduos (WEINBERG; GOULD, 2008). Tal processo é um alicerce tanto no esporte como na vida, presente em diversas interações humanas cotidianas, seja no ambiente profissional, educacional, familiar e até no lazer (DE ROSE JR. 2002). No entanto, o vínculo mais forte da competição sempre será com o esporte (TANI et al., 2006). Ademais, o esporte competitivo também possui uma importância educativa. Dentro do processo de aprendizagem do esporte, a competição pode influenciar o desenvolvimento da moral, da personalidade, da capacidade cognitiva e das capacidades perceptivas (TANI et al., 2006). Destaca-se a importância da inserção das crianças em atividades competitivas, sem desconsiderar o potencial estressor da atividade, o qual pode causar rupturas entre companheiros de equipe, entre outras situações (DE ROSE JR. 2002). Portanto, é necessária uma avaliação profunda do processo competitivo, analisando o conjunto de fatores que podem direcionar o indivíduo a um rendimento adequado ou não (TANI et al., 2006).

O esporte competitivo pode afetar os processos de crescimento e desenvolvimento (WEINBERG; GOULD, 2008). Conseqüentemente, sugere-se que a competição em si não é boa nem má, e sim a maneira e com qual intensidade ela é utilizada definirão sua validade. Os efeitos podem ser negativos ou positivos, tudo está relacionado às condições e ao contexto em que a atividade é realizada (DE ROSE JR, 2009). No entanto, a competição pode ser uma maneira de mobilizar o praticante, seja iniciante ou não, sua capacidade para se provar efetivamente, melhor do que o oponente; dessa maneira o indivíduo é desafiado a ultrapassar seus limites, visando a excelência e preparando-se para a vida, tanto nos momentos de sucesso, como nos momentos de fracasso (TANI et al., 2006).

A cooperação é caracterizada como um processo social, onde o objetivo é o mesmo para todo o grupo, as recompensas são divididas igualmente, as ações realizadas, necessariamente, em conjunto e o grupo depende das ações coletivas de cada participante (WEINBERG; GOULD, 2008). A essência dos jogos cooperativos é a aceitação, envolvimento e diversão, incentivando a solidariedade, respeito e compaixão, e inibindo a exclusão, seletividade e agressividade, oportunizando a interação cooperativa de maneira prazerosa. Dentre os princípios da cooperação, destacam-se o prosseguir todas as atividades sem exclusão de ninguém, incentivar a criatividade, por meio da

flexibilidade nas regras e evitar o confronto individual ou coletivo (CORREIA, 2006). No entanto, talvez os jogos cooperativos não possam ser considerados como a única forma de iniciar os jovens na prática da atividade física. Embora os princípios da cooperatividade sejam valiosos, alguns conceitos são provenientes da competição, como o saber ganhar e perder, saber lidar com conflitos, superar crises, entre outros (LOVISOLO et al., 2013).

As interações das ações competitivas e cooperativas e seus efeitos nos indivíduos são complexas. Cada indivíduo responde de uma maneira diferente as peculiaridades de cada abordagem (WEINBERG; GOULD, 2008). Todas as atividades físicas e esportivas envolvem tanto a competição como a cooperação. A maior parte das interações sociais no esporte requer mesmo na competição esforços cooperativos, como nos esportes coletivos (WEINBERG; GOULD, 2008).

Dessa maneira, fica evidenciada a necessidade de estudos voltados para a área, que expressem o contraste da competição e da cooperação e de seus efeitos no desenvolvimento dos indivíduos. Sendo assim, a partir da análise dos estudos percebe-se a necessidade de uma reflexão mais profunda sobre as duas abordagens, para que os profissionais que atuam na iniciação esportiva tenham mais subsídios para determinar suas escolhas no que concerne à dosagem de ambas as propostas. Dessa maneira, podem-se aperfeiçoar intervenções que colaborem tanto para uma vida com hábitos saudáveis como para a preparação de um futuro atleta assertivo, capaz de suportar as exigências e demandas do alto rendimento.

1.1. PROBLEMA

Quais as implicações das atividades competitivas e cooperativas no comportamento das crianças e adolescentes em iniciação esportiva?

1.2. OBJETIVO GERAL

Descrever as implicações das atividades competitivas e cooperativas no comportamento das crianças e adolescentes em iniciação esportiva.

1.3. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Identificar os estudos que atendem os critérios de inclusão pré-determinados;
- Descrever as evidências encontradas na literatura;
- Identificar as implicações das atividades competitivas na iniciação esportiva;
- Identificar as implicações das atividades cooperativas na iniciação esportiva.

2. METODOLOGIA

Foi realizada uma revisão sistemática de acordo com os procedimentos descritos na literatura (SAMPAIO; MANCINI, 2007), para sintetizar os dados disponíveis sobre as implicações (positivas e negativas) das abordagens cooperativa e competitiva no comportamento das crianças em iniciação esportiva. As bases de dados *Scopus*, *EBSCO*, *PubMed*, *Bireme* e *Web Of Science* foram utilizadas para efetuar as buscas. A busca foi realizada em par com os seguintes termos: “*competition*”; “*cooperation*”; “*sport*”; “*behavior*”; “*child*”; “*teenager*”. A combinação dos termos foi realizada com a utilização dos operadores “*AND*” e “*OR*”; esse processo foi caracterizado como fase 1 da revisão. Os critérios de inclusão dos estudos foram: verificar a influência das atividades de competição, de cooperação ou ambas no comportamento das crianças durante o período da iniciação esportiva; publicação ser posterior a 1980; conduzidos com crianças ou adolescentes (menor de 18 anos); estudos em inglês, português ou espanhol.

Na fase 2, foi realizada uma análise dos títulos; foram excluídos os repetidos nas diferentes bases e os que não possuem relação com o tema. Na fase 3, foram analisados os resumos, aqueles que indicaram trabalhos cujo conteúdo não se adequa aos critérios de inclusão também foram excluídos. Na fase 4, os artigos foram lidos na íntegra, e assim, houve refinamento na seleção dos artigos. Com esse processo concluído, na fase 5, foi elaborado um resumo crítico de cada artigo que foi filtrado, visando à organização dos dados. Todo o processo de triagem, da fase 2 até a fase 5, foi realizado por dois pesquisadores, cada um realizando a leitura e selecionando os artigos de maneira independente. Só foram incluídos na revisão, os artigos aceitos por ambos os pesquisadores, mediante reuniões de consenso entre os mesmos, as quais foram realizadas ao longo do processo e totalizaram três. Na fase 6, foi feita a elaboração final desta revisão, a partir da análise de todos os artigos selecionados. Por fim, na fase 7, essa revisão será apresentada como trabalho de conclusão de curso. A figura 1 exemplifica o processo que foi utilizado para efetuar a presente revisão sistemática, por meio de um fluxograma.

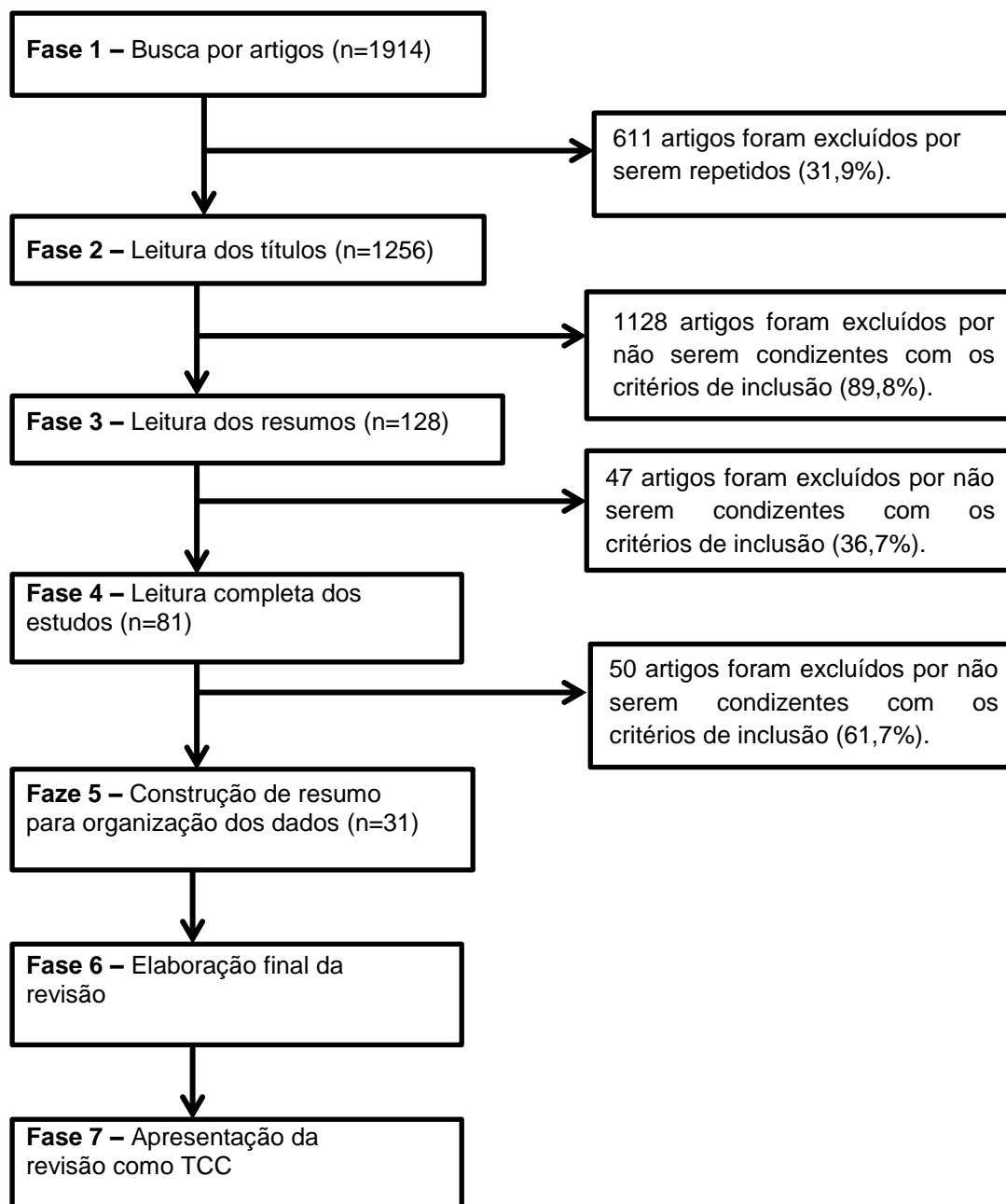


Figura 1. Fluxograma de seleção e exclusão de referências para a revisão sistemática.

3. RESULTADOS

Foram selecionados 31 artigos para revisão, estes foram divididos em três grupos, sendo aqueles que trataram predominantemente da competição (n=26), aqueles que abordaram principalmente a cooperação (n=3) e, por fim, aqueles que envolveram ambas (n=2).

Dos 26 estudos relacionados à competição, 11 foram realizados nos Estados Unidos, 10 na Europa (Reino Unido, Espanha, Noruega, França, Grécia e Holanda), dois no Canadá e um estudo na Austrália, México e Brasil. A partir de uma análise destes resultados, os estudos referentes predominantemente a competição foram divididos em três categorias, alguns couberam em mais de um grupo.

No primeiro grupo, constituído por 12 artigos, a preocupação central foi destacar os benefícios da competição. Os resultados destes apontaram os valores sociais adquiridos com a prática das atividades competitiva (DOMINGUEZ; CABEZON; SANCHEZ, 20015; LEE, 2008; LEE; COOKMAN 1996; MOIÉJES et al., 2018; TASSI; SHNEIDER, 1997; VIERMAA; BRUNER; COTER, 2018). Dentre esses valores, alguns artigos destacaram fatores de coesão como satisfação com a equipe e com o próprio desempenho e a coesão de tarefa, sendo variáveis de acordo com o nível de competitividade (GRUBER; GRAY, 1981; GRUBER; GRAY, 1982). A melhora da autoestima e a satisfação, proporcionados pela prática do esporte competitivo, foi associada ao resultado positivo e ao bom desempenho (BOYD; YIN 1996; FINDLAY; BOWKER 2009; PUENTE-DIAZ, 2012; SACALAN; PASSER, 1980).

O segundo grupo foi formado pelos artigos que destacaram os pontos negativos das práticas competitivas, cuja coleta foi, na maioria dos casos, a partir de resultados ou desempenhos desfavoráveis. Os insucessos indicaram prejuízos na autoestima e causaram comportamento antissocial (BRINER; COTE, 2018; LEE, 2008; SCANLAN; PASSER, 1980). A derrota também fez com que os jovens associassem os resultados a fatores externos como sorte e nível de rendimento do adversário (SCALAN; PASSER, 1980). A competição foi também associada com agressividade e atos antidesportivos, influenciados geralmente por adultos, trazendo dilemas morais e éticos para as crianças

(DOMINGUEZ; CABEZON; SANCHEZ, 2015; STUART, 2003; TASSI; SHNEIDER 1997).

O terceiro grupo, integrado por onze artigos, descreveram os efeitos e as maneiras de enfrentar a ansiedade e o estresse competitivo, cujas especificidades situaram-se nos efeitos da competição no comportamento, na saúde e na performance dos jovens praticantes. Além disso, destacaram como as estratégias e estilos de enfrentamento podem auxiliar na resolução desse tipo de problema. Resultados sugerem que os principais motivos do estresse e da ansiedade em jovens competidores são o medo de falhar, o perfeccionismo e a pressão dos pais ou treinadores. (DONACHIE; HILL; HALL, 2018; LEWTHWAITE; SCALAN, 1989; SACANLAN; LEWTHWAITE, 1984; PSYCHOUNTAKI; ZERVAS 2000). Meninas apresentaram maior preocupação com o desempenho ruim, a qual pode aumentar com a idade tanto em meninas quanto em meninos (GROSSBARD et al. 2009). Já a dificuldade de concentração foi prevalente em meninos e em atletas de modalidades individuais (GROSSBARD et al., 2009; RAMIS; TORREGORSSA; CRUZ, 2013). Alto nível de ansiedade foi mais encontrado em modalidades cujas habilidades são predominantemente fundamentais e em atletas que possuem rendimento abaixo da média, como os reservas no caso das modalidades coletivas (RAMIS; TORREGORSSA; CRUZ, 2013; SMITH, 1983). Os resultados indicaram que altos níveis de estresse e ansiedade prejudicam o desempenho (SCANLAN; LEWTHWAITE, 1984; PSYCHOUNTAKI; ZERVAS, 2000). Entretanto, atletas que experimentam situações de sucesso mais frequentemente e possuem maior autoconfiança lidam melhor com o estresse e ansiedade (SMITH, 1983; GIMENO; BUCETA; PEREZ-LLANTADA, 2007). Em situações de estresse agudo, as estratégias e estilos de enfrentamento corretos para cada situação possuem implicações diretas com o sucesso no desempenho (ANSHEL, 1996).

Por fim, o último grupo foi constituído por quatro trabalhos, cuja preocupação central foi destacar aspectos relacionados à motivação dos jovens ao praticar as atividades competitivas, com indicações ao que os motiva a realizar a prática, qual o envolvimento e qual a intenção para praticar. Os resultados desses estudos mostraram que o interesse e a motivação em vencer foram correlacionados positivamente com o nível de participação no

esporte competitivo, nível do desempenho e aptidão para enfrentar as adversidades (OLIVEIRA et al., 2006; THOMASSEN; HALVARI, 1996). Entretanto, os resultados mostraram também que crianças que têm medo de falhar evitam a prática do esporte competitivo (THOMASSEN; HALVARI, 1996), e meninas mostraram preferência por atividades não competitivas em seu tempo de lazer (CHRISTIANA; WEST; DAVIS, 2017).

Quanto aos estudos associados à cooperação, dois foram realizados na França e um no Brasil. Os resultados sugerem que as ações cooperativas trazem diversos benefícios para os jovens, cujas situações cooperativas parecem ser eficientes para melhora das habilidades motoras, comunicação oral, atitudes, relacionamento, respeito, companheirismo, solidariedade e confiança (EVIN; SEVE; SAURY, 2014; LAFONT; PROERES; VALLET, 2007; MENDES; PAIANO; FILGUEIRAS, 2010).

Os dois artigos que relacionam competição com cooperação foram realizados nos Estados Unidos e na Espanha. Os resultados indicaram que ambas as práticas são importantes, porém a motivação se demonstrou maior em atividades competitivas (TAUER; HARACKIEWICZ, 2004). Todavia, as atividades cooperativas apresentaram maior entusiasmo intrapessoal e comprometimento com o esporte (PONS et al. 2016). Diferente da competição, as atividades puramente cooperativas não mostraram aumento no nível de estresse (TAUER; HARACKIEWICZ, 2004). Os resultados mais satisfatórios de motivação e desempenho foram quando a tarefa incluiu competição e a cooperação ao mesmo momento (TAUER; HARACKIEWICZ, 2004).

Tabela 1 – Estudos que abordaram predominantemente o processo competitivo.

Autor	Ano	País	Objetivo	Amostra	Procedimentos	Resultados / Discussão
SCANLAN; PASSER	1980	EUA	Examinar respostas de jovens atletas de futebol feminino com relação ao desempenho pessoal e da equipe depois de uma vitória, empate e derrota.	163 meninas, de 10 a 12 anos. 54 atletas que haviam acabado de ganhar uma partida, 63 que empataram e 46 que perderam.	Estudo transversal. Questionário foi aplicado logo após o término da partida sem interação com os pais antes das repostas. Foram realizadas 16 perguntas para definir o nível de esforço realizado, habilidade, dificuldade do oponente e sorte.	Identificou-se que a vitória e o bom desempenho individual é importante para as atletas, sendo assim o resultado do jogo está relacionado com o ego, que pode afetar a autoestima das mesmas. Para autoproteção jogadoras que perderam ou empataram costumam associar o resultado a fatores externos, como nível do adversário e sorte. Jogadoras que ganharam associaram o resultado a fatores internos, como desempenho individual e habilidade.
GRUBER; GRAY	1981	EUA	Confirmar existência de fatores de coesão em jogadores de basquete masculino de colégio em diferentes níveis de competição.	515 jogadores de basquete, divididos em <i>elementary school</i> (n=92, 10-12 anos), <i>junior high school</i> (n=116, 13-15 anos), <i>sênior high school</i> (n=110, 16-18 anos), <i>small college</i> (n=115, 19-22 anos) e <i>large college</i> (n=82, 19-22 anos).	Estudo transversal. Foram selecionados treze itens do questionário de coesão, o mesmo foi aplicado durante um treinamento das equipes.	Satisfação com a performance do time e coesão das tarefas foram encontradas em todos os níveis de competição. Relação de coesão foi identificada em todos os grupos com exceção do <i>sênior high</i> . Satisfação com a própria performance foi identificada nos níveis <i>elementary</i> , <i>senior high</i> e <i>small college</i> . Valor do coleguismo foi encontrado nos níveis <i>junior high</i> e <i>senior high</i> . Os fatores de coesão variam entre os níveis de competição. Em todos os níveis de competição existem fatores interrelacionados, a natureza da relação entre fatores muda se comparadas as idades dos atletas.
GRUBER; GRAY	1982	EUA	Descrever diferenças de intensidade de fatores de coesão em jogadores escolares de basquete diferenciando os reservas de titulares.	515 jogadores de basquete, divididos em <i>elementary school</i> (n=92, 10-12 anos), <i>junior high school</i> (n=116, 13-15 anos), <i>sênior high school</i> (n=110, 16-18 anos), <i>small college</i> (n=115, 19-22 anos) e <i>large college</i> (n=82, 19-22 anos).	Estudo Transversal. Foram selecionados treze itens do questionário de coesão, o mesmo foi aplicado durante um treinamento das equipes.	Titulares são mais satisfeitos com a própria performance, mais conscientes de suas tarefas, têm maior desejo de participação e o valor de participação deles na equipe é maior que o dos reservas. Os atletas dos níveis <i>elementary</i> e <i>junior high school</i> demonstraram que a satisfação com a performance da equipe é mais importante que a satisfação com o desempenho individual, apresentaram também maior consciência de sua participação e maior valor para o coleguismo se comparados com atletas de equipes do <i>college</i> , o que reflete a diferença nas necessidades de satisfação dos jogadores jovens e adultos, bem como as mudanças nos valores esportivos à medida que o nível de competitividade aumenta.
SMITH	1983	EUA	Avaliar características da ansiedade competitiva associada com idade, sexo, raça e status dos jovens atletas.	198 jovens participaram do estudo, sendo 80 meninos com idade de 11 a 13 anos que participaram de competições de baseball e futebol americano e 79 meninas de 10 a 13 anos que participaram de competições de softball e voleibol.	Estudo Transversal. Foi aplicado o <i>Sport Competition Anxiety Test for Children</i> antes de um dos treinos que ocorreram durante a temporada. Os técnicos indicaram o status de cada jogador, como melhor jogador, titular regular e reserva.	Não foi encontrada diferença nos índices de ansiedade nas variáveis idade, sexo ou raça, demonstrando que atletas jovens de diferentes idades, sexos e raças experimentam o estresse competitivo da mesma maneira. Os atletas caracterizados como melhores jogadores obtiveram scores menores na variável de ansiedade competitiva, isso se dá devido a possuírem mais habilidade e experimentarem mais frequentemente situações de sucesso.
SCANLAN; LEWTHWAITE	1984	EUA	Investigar a influência e estabilidade da diferença	76 lutadores com idade entre 9 e 14 anos.	Estudo Transversal. Foram aplicados quatro questionários: <i>Pretournament</i>	Ansiedade pré-competitiva e expectativa do desempenho individual foram identificados como precursores mais influentes

			individual e de fatores situacionais sobre o estresse competitivo vivenciado por lutadores de 9 a 14 anos de idade.		<i>Questionnaire, Postweigh-in Questionnaire, Prematch Questionnaire e Post match Questionnaire.</i>	do estresse prematuro. O resultado da luta e a diversão experimentada causaram estresse após o combate em ambos os rounds. Medo de falhar e pressão dos pais causaram estresse prematuro no primeiro round. O nível constante de estresse após o primeiro e segundo round mostrou consistência nas respostas de estresse das crianças.
SCANLAN; LEWTHWAITE	1984	EUA	Identificar preditores esportivos e psicológicos de crianças a partir do resultado do desempenho em dois rounds consecutivos de um torneio competitivo de luta.	76 lutadores com idade entre 9 e 14 anos.	Estudo Transversal. Foram aplicados quatro questionários: <i>Pretournament Questionnaire, Postweigh-in Questionnaire, Prematch Questionnaire e Post match Questionnaire.</i> Resultado da performance foi adquirido a partir dos registros do torneio.	Foi demonstrado que o resultado pode ser previsto no primeiro round da competição, conhecendo a experiência competitiva, as expectativas do desempenho prematuro e o nível de preocupação com o fracasso antes da luta. Os resultados ressaltam a importância de considerar variáveis relacionadas ao esporte bem como fatores psicológicos ao examinar resultados de desempenho. Os participantes com expectativas de desempenho mais baixas e preocupações mais frequentes sobre o fracasso experimentam maior estresse prematuro e foram mais propensos a sofrer derrotas do que seus adversários. No entanto, como o estresse prematuro não foi precursor de derrotas em nenhum dos torneios, pode-se concluir que as expectativas de desempenho e as cognições de falha influenciam os resultados de forma independente de sua associação com o estresse prematuro.
LEWTHWAITE; SCANLAN	1989	EUA	Examinar fatores intrapessoais e a influência dos adultos no estado de ansiedade competitiva de crianças de 9 a 14 anos participantes de um programa competitivo de lutas.	76 meninos, de 9 a 14 anos participantes de um torneio de luta.	Estudo Transversal. Foram aplicados quatro questionários: <i>Pretournament Questionnaire, Postweigh-in Questionnaire, Prematch Questionnaire e Post match Questionnaire.</i>	Os maiores sintomas de ansiedade competitiva encontrados foram baixa autoestima, maior descontentamento com resultado ruim e preferência por evitar participar do torneio. Competidores com maior preocupação com a falha dão maior importância para lutar melhor e ficam mais chateados com a performance ruim. Preocupações relacionadas com os adultos foram identificadas por meio de um maior aborrecimento com a derrota, vergonha dos pais e do técnico, mais avaliações negativas dos adultos e maior pressão dos pais para lutar.
LEE; COCKMAN	1995	Reino Unido.	Estabelecer de forma espontânea os valores que afetam as crianças no esporte competitivo.	93 crianças praticantes de futebol e tênis com idade entre 12 e 16 anos.	Estudo Transversal. Foram realizadas entrevista que criavam situações hipotéticas das respectivas modalidades que as crianças praticavam. Elas foram elaboradas para identificar principalmente três tipos de comportamento: instrumental, agressivo e altruísta.	Os resultados foram divididos em categorias com 18 diferentes valores: sucesso, cuidado, companheirismo, conformidade, consciência, cumprir regras, divertimento, justiça, bom jogo, saúde e aptidão, obediência, imagem pública, esportividade, auto realização, demonstração de habilidades, coesão de equipe, tolerância e vitória.
THOMASSEN; HALVARI	1996	Noruega	Identificar correlação entre envolvimento em esporte competitivo, motivação ao sucesso e percepção da funcionalidade da atividade física. Verificar se há as diferenças entre gêneros.	213 jovens com idade de 16 a 19 anos, sendo 118 meninas e 95 meninos.	Estudo Transversal. Foram realizadas perguntas para saber a modalidade que os jovens praticavam e qual era o objetivo dessa prática (recreação ou competição). Motivação para alcançar sucesso, orientações futuras e instrumentalidade da atividade física foram averiguados por meio de questionários.	Houve correlação positiva entre envolvimento em esporte competitivo e motivação em atingir o sucesso. Houve correlação negativa entre motivação em medo de falhar e a prática do esporte competitivo. Foi identificada também uma correlação positiva entre a percepção da funcionalidade da prática de atividades físicas e a prática esportiva. As relações para meninos e meninas foram semelhantes.
BOYD; YIN	1996	EUA	Definir preditores da satisfação na prática	231 jovens com média de idade de 15 anos.	Foi utilizado o <i>The Task and Ego Orientation in Sport Questionnaire</i> para	Satisfação ao praticar esporte foi positivamente relacionada à orientação de tarefa, competência percebida e anos de prática

			esportiva competitiva.		quantificar o envolvimento de tarefa e ego no esporte. <i>The Perceived Physical Competence Subscale of the Self-Perception Profile for Adolescents</i> foi utilizado para averiguar a competência percebida. As escalas do <i>Dimensions of Depression Profile for Children and Adolescents</i> foram utilizados para quantificar a satisfação na prática esportiva.	em esporte institucionalizado. A orientação de ego não obteve relação significativa com a satisfação de praticar atividade esportiva competitiva.
ANSHEL	1996	Austrália	Determinar se os atletas possuem inclinação a utilizar determinados tipos de estratégias de enfrentamento, ou estilos de enfrentamento em resposta a uma série de estressores agudos.	421 atletas do sexo masculino com idade de 14 a 17 anos. As modalidades incluíram basquetebol (n=221), hockey de campo (n=66), futebol (n=59), rugby (n=53) e voleibol (n=22).	Estudo Transversal. Foi desenvolvida uma entrevista com 128 itens para realização deste estudo.	Os resultados indicaram que os estilos de enfrentamento têm implicações diretas com o sucesso no desempenho. Estilo de enfrentamento de evitação demonstrou maior eficiência em modalidades com tarefas contínuas (abertas). Atletas que costumam utilizar estilo de enfrentamento de aproximação enquanto deveriam utilizar de evitação tendem a obter uma performance ruim.
TASSI; SCHNEIDER	1997	França	Identificar associações com diferentes domínios da competição, competir para atingir domínio da tarefa e competição para comparação social.	226 crianças (132 meninos e 134 meninas). Média de idade de 8,9 anos.	Estudo Transversal. Para realizar a avaliação foi utilizado o <i>Competitive Situation Peer Nomination Inventory</i> .	A competição orientada por tarefas estava geralmente associada à aceitação e ao comportamento pró-social, enquanto a competição dirigida para outros geralmente estava associada a ser menos apreciada e ser vista como agressiva.
PSYCHOUNTA KI; ZERVAS	2000	Grécia	Examinar as relações entre preocupações competitivas, confiança esportiva e desempenho de jovens atletas.	143 nadadores, 77 meninos e 66 meninas, idade entre 11 e 12 anos.	Estudo de Transversal. Foram aplicados dois questionários: <i>The Trait Competitive Worries Inventory for Children</i> e <i>The Trait Sport Confidence Questionnaire for Children</i> . Ambos foram aplicados duas vezes, em situação não competitiva e em momento imediatamente antes de iniciar a competição. O Desempenho foi avaliado a partir de feedback do treinador, utilizando a escala de <i>Likert</i> , com notas de 1 a 5	Os atletas foram divididos em três grupos baseados em seu desempenho (baixo, médio e alto). Ao avaliar as relações dos três grupos com as preocupações competitivas e a confiança esportiva encontrou-se uma diferença estatisticamente significativa. Atletas que apresentaram maior nível de preocupações competitivas e menor confiança obtiveram pior rendimento, enquanto aqueles que apresentaram menor preocupação e maior confiança obtiveram melhor rendimento.
STUART	2003	EUA	Examinar o conteúdo e o contexto de problemas identificados por crianças na prática de esportes competitivos variados em comparação com problemas relatados em trabalhos anteriores sobre o desenvolvimento moral no esporte. Determinar se os problemas encontrados pelas crianças são de	15 participantes, 8 meninos e 7 meninas, de 10 a 12 anos.	Estudo Transversal. Entrevista elaborada com objetivo de identificar problemas morais experimentados pelas crianças na prática de esporte competitivo.	As crianças identificaram problemas envolvendo três dimensões gerais, relativa à justiça das ações dos adultos, comportamentos negativos do jogo e comportamentos negativos da equipe. Exemplos específicos destes problemas foram ações injustas dos treinadores, desrespeito aos adversários e comportamento egoísta. Os problemas reportados confirmaram a existência de dilemas morais e éticos no esporte competitivo.

			natureza moral, convencional ou psicológica.			
OLIVEIRA et al.	2006	Brasil	Identificar as tendências de comportamento competitivo de atletas masculinos de Judô, em relação às suas tendências pessoais em vencer, competir e estabelecer metas.	52 atletas do sexo masculino de 14 a 21 anos.	Estudo Transversal. O Instrumento de Identificação Pessoal e Esportiva foi utilizado para obter informações individuais dos atletas. A ferramenta para avaliar o desempenho competitivo foi o resultado alcançado em competições oficiais. E para avaliar as tendências de comportamento foi utilizado o Sistema de Avaliação ACS – 2.	Indivíduos com maior interesse em vencer e melhor percepção de desempenho possuem melhor desempenho e são mais aptos para enfrentar adversidades.
GIMENO; BUCETA; PÉREZ-LLANTADA	2007	Espanha	Analisar a influência das variáveis psicológicas na obtenção do sucesso, na continuidade a longo prazo e na ocorrência de lesões, no contexto do esporte competitivo.	Estudo 1: 136 judocas, com idade entre 13 e 16 anos. Estudo 2: 108 jogadores de futebol, com idade entre 11 e 18 anos. Estudo 3: 80 nadadores entre 12 e 24 anos.	Estudo Transversal. O instrumento utilizado foi o questionário <i>Características Psicológicas Relacionadas con el Rendimiento Deportivo</i> .	As análises realizadas mostraram associações estatisticamente significantes entre a percepção de controle do estresse e a autoconfiança. Houve associação também entre a obtenção de sucesso, a continuidade em longo prazo no esporte competitivo e a suportar as lesões. Esses resultados sugerem a importância do treinamento de habilidades psicológicas para promover o desempenho esportivo e a prevenção de lesões.
LEE	2008	Reino Unido	Examinar a função do valor de atitudes e teoria da conquista dos objetivos como preditor das atitudes morais.	Foram avaliados 549 competidores, 317 meninos e 232 meninas com idade de 12 a 15 anos.	Estudo Transversal. Os participantes completaram o <i>Youth Sport Values Questionnaire</i> , o <i>Personal Reactions Questionnaire</i> e a <i>Crowne-Marlowe Social Desirability Scale</i> .	Valores de atitude e competência foram preditores para atitudes pró-sociais. Valores morais estão negativamente associados com comportamento antissocial. Os valores de competência e status predisseram a orientação da tarefa e do ego, respectivamente, e as orientações da tarefa e do ego mediavam parcialmente o efeito dos valores de competência nas atitudes pró-sociais e nos valores de status nas atitudes antissociais, respectivamente.
GROSSBARD et al.	2009	EUA	Definir relação entre ansiedade competitiva em jovens atletas e ansiedade somática, preocupação com o desempenho e problemas de concentração.	540 meninos e 498 meninas de 9 a 14 anos, todos os indivíduos eram atletas.	Estudo Transversal. Dados demográficos como, idade, gênero, etnia e modalidade foram perguntados as crianças. A ansiedade da performance esportiva foi averiguada por meio da <i>Sport Anxiety Scale-2</i> .	Preocupação em obter desempenho ruim é maior em meninas e em atletas mais velhos. Meninos apresentaram maiores problemas de concentração em situações competitivas no esporte.
FINDLAY; BOWKER	2009	Canadá	Investigar se o nível de envolvimento esportivo e a intensidade da atividade predizem o autoconceito. Examinar a orientação de gênero e esporte como possíveis moderadores da participação esportiva.	171 adolescentes atletas de futebol de alto nível, sendo 66 homens e 105 mulheres. O segundo grupo composto por 71 adolescentes que participavam de algum tipo de esporte competitivo, mas não em alto nível, destes eram 29 homens e 42 mulheres. O terceiro grupo foi composto por	Estudo Transversal. Foram aplicados quatro questionários: <i>Sport Activity Questionnaire</i> , <i>Physical Self Description Questionnaire</i> , <i>Leisure Time Exercise Questionnaire</i> e <i>Sport Orientation Questionnaire</i> .	Atletas reportaram maior autoestima do que não atletas. Nível de competição foi preditor significativo para autoestima, autoestima física global, competência física e autoconceito de aparência, embora os grupos de elite e competitivos não tenham sido significativamente diferentes, exceto pelo autoconceito de competência física. Assim, a participação em algum nível competitivo está relacionada ao bem-estar psicológico positivo. No entanto, a competição de elite só é benéfica para além da competição competitiva para a competência física.

				145 jovens que não realizavam nenhum esporte competitivo, 37 homens e 108 mulheres. A média da idade da amostra em geral é 13,45 anos.		
PUENTE-DÍAZ	2012	México	Examinar o efeito da realização de metas e realização de emoções na satisfação esportiva e performance em atletas competitivos.	200 jogadores de tênis, 69 do sexo feminino, média de idade foi de 14,13 anos.	Estudo Transversal. Foram utilizados diferentes questionários para avaliar as seguintes variáveis: diversão no esporte, objetivos esportivos, satisfação com a experiência esportiva, esforço e performance.	Foram encontradas efeitos positivos entre prazer, satisfação esportiva, esforço e a performance. Não foram encontradas relações entre realizações de metas ou realização de emoções com o desempenho esportivo.
RAMIS; TORREGROSA ; CRUZ	2013	Espanha	Comparar ansiedade traço competitiva em diferentes atividades esportivas e recreativas agrupadas em duas variáveis: colaboração, que se divide entre atividades individuais e coletivas; e habilidade, que divide entre atividades com habilidades habituais e habilidades não habituais.	785 jovens, com idade entre 8 e 18 anos. Praticantes modalidades coletivas, basquetebol (n=153), handebol (n=58), polo aquático (n=57). Praticantes de modalidades individuais, Tênis (n=95), natação (n=108), ginástica (n=37), nado sincronizado e <i>castellers</i> (n=150)	Estudo transversal, Foi utilizada a <i>Escala de Ansiedad Competitiva SAS-2</i> .	Os resultados sugerem que os atletas que participam de atividades nas quais uma habilidade habitual é necessária mostram níveis mais altos de ansiedade e preocupações somáticas. Participantes de esportes individuais possuem maior dificuldade de concentração do que esportes coletivos ou atividades recreativas. Uma comparação adicional entre atividades atléticas e recreativas foi conduzida mostrando que a ansiedade somática dos <i>castellers</i> é equivalente a atletas, mas em relação a preocupações e problemas de concentração, as classificações dos atletas foram significativamente maiores.
DOMÍNGUEZ; CABEZÓN; SÁNCHEZ	2015	Espanha	Analisar o processo de assimilação de valores socioeducativos em um contexto de competição esportiva.	208 meninos com idade entre quatro e sete anos. O estudo contou também com a participação de 221 pais e 38 professores.	Estudo Transversal. Foi utilizado o questionário <i>Deporteduca</i> ,	Segundo os resultados a competição de uma forma geral auxilia na assimilação e aplicação de valores socioeducativos como autonomia, responsabilidade, pró-sociabilidade e satisfação. A competição auxiliou os meninos criarem consciência da existência de regras e das consequências acarretadas pelo seu não cumprimento, tornando os meninos mais responsáveis. Porém a prática puramente competitiva pode acarretar problemas para as crianças, um exemplo são os atos antidesportivos. Estes problemas foram encontrados em meninos que são obrigados pelos pais a praticar a modalidade. O presente estudo mostra dados que sugerem que a participação em competições esportivas devidamente orientadas trazem inúmeros benefícios socioeducativos. As relações geradas entre os membros de uma equipe, mostra uma coexistência adequada transcendendo para outros contextos da vida cotidiana, produzindo cidadãos conscientes.
CHRISTIANA; WEST; DAVIS	2017	EUA	Examinar as diferenças na intenção de participar e na participação atual em formas competitivas e não competitivas de atividades físicas de lazer entre jovens adolescentes	186 jovens adolescentes de 10 a 14 anos.	Estudo Transversal. Foram aplicados questionários para averiguar as intenções comportamentais, informações demográficas e participação esportiva atual.	A intenção de realizar atividade física competitiva ou não competitiva foi um indicador significativo da participação atual em cada forma de realizar atividade física no tempo de lazer. Meninos realizam mais atividades físicas que meninas em ambas as formas. Não houve diferença significativa entre a intenção ou realização atual dos meninos em fazer atividade competitiva ou não competitiva. Para meninas a intenção e a participação atual

			divididos por gênero e status socioeconômico.		foram significativamente maiores para as atividades não competitivas. Os resultados apontaram para a diferença na preferência do tipo de atividade física (competitiva ou não competitiva) pelos gêneros, indicando a necessidade de adaptar as atividades propostas para cada gênero e também diversificar os tipos de atividade para satisfazer todos os participantes.	
VIERIMAA; BRUNER; CÔTÉ	2018	Canadá	Investigar a relação entre o comportamento observado dos atletas durante as competições esportivas e suas percepções sobre os resultados do desenvolvimento positivo da infância.	67 atletas de basquetebol, com idade de 11 a 15 anos e 20 treinadores.	Estudo Transversal. Os jogos foram observados e filmados posteriormente os vídeos foram analisados sistematicamente utilizando uma versão adaptada do <i>Athlete Behavior Coding System</i> . Logo após do término da partida foram aplicados questionários com intuito de mensurar a competência (<i>Sport Competence Inventory</i>), confiança (escala de <i>Revised Competitive State Anxiety-2</i>), conexão com o técnico (<i>Coach-Athlete Relationship Questionnaire</i>), conexão com os companheiros de time (<i>The Youth Sport Environment Questionnaire</i>) e caráter (<i>The Prosocial and Antisocial Behavior Scale for Sport</i>).	Os indivíduos foram identificados em dois grupos, estes foram caracterizados como alta e baixa confiança, qualidade da relação técnico-atleta, coesão da tarefa, e comportamento pró-social. O grupo caracterizado como "alta" demonstrou melhor comunicação com seus treinadores do que o grupo "baixa". O que demonstra a importância da comunicação entre atletas e treinador para um desenvolvimento positivo dos jovens atletas.
DONACHIE; HILL; HALL	2018	Reino Unido	Examinar a relação entre o perfeccionismo e emoções pré-competitivas e se as cognições perfeccionistas predizem a emoções pré-competitivas após o controle das dimensões de auto-orientação e social do perfeccionismo.	206 atletas de futebol, sendo 78 meninos e 128 meninas com idades entre 11 e 19 anos.	Estudo Transversal. Para medir o nível de perfeccionismos auto-orientado e prescrito socialmente foi utilizado a <i>Child and Adolescent Perfectionism Scale</i> . Para aferir a frequência em que as crianças passavam por situações de perfeccionismo foi utilizado o <i>Perfectionistic Cognitions Inventory</i> . Para medir as emoções que os atletas mais frequentemente experimentam foi utilizado o <i>Sport Emotion Questionnaire</i> .	Perfeccionismo prescrito socialmente é um preditor positivo de raiva enquanto perfeccionismo auto-orientado é um preditor positivo para excitação. O perfeccionismo geral foi considerado preditor positivo de ansiedade, raiva e desânimo. As descobertas sugerem que o perfeccionismo é importante em relação às emoções pré-competitivas.
MOEIJES et al.	2018	Holanda	Explorar associações longitudinais entre participação esportiva e saúde psicossocial (problemas de internalização, de externalização e comportamento pró-social)	487 crianças de 10 a 12 anos.	Estudo Longitudinal. Para avaliar a saúde psicossocial foi utilizado o <i>Strengths and Difficulties Questionnaire</i> , para a participação esportiva o <i>Move and Sports Monitor Questionnaire</i> . Índice de Massa Corporal (IMC) foi calculado.	A participação de prática esportiva em um contexto geral foi associada longitudinalmente com menos problemas de internalização. A associação longitudinal de maior frequência de participação esportiva com menos problemas de internalização foi mais forte em crianças com IMC maior. A associação de praticar esportes coletivos com menos problemas de internalização foi observada apenas em meninos. Participação em clubes esportivos moderada ou de alta frequência também foi associada longitudinalmente a um melhor comportamento pró-social. Essas associações com comportamento pró-social foram mais fortes para as meninas.

Tabela 2 - Estudos que abordaram predominantemente o processo cooperativo.

Autor	Ano	País	Objetivo	Amostra	Procedimentos	Resultados / Discussão
LAFONT; PROERES; VALLET	2007	França	Analisar o papel das conversas entre companheiros dentro de equipes em uma perspectiva de cooperação.	17 meninos e 13 meninas, média de idade de 9,4 anos.	Estudo Transversal. Foi realizada uma observação por meio de filmagem, a tarefa foi um jogo de basquetebol adaptado. O jogo coletivo foi incentivado durante as partidas. As variáveis avaliadas foram relacionamento interpessoal, rejeição, eficiência no jogo, e nível de habilidade com e sem a bola.	Situações cooperativas mostraram-se eficientes para melhora das habilidades motoras. Comunicação oral entre os companheiros de equipe sobre objetivos e estratégias demonstrou ser efetivo para melhora do desempenho e de habilidades motoras e táticas. O estudo também mostrou que, apesar dos efeitos positivos das discussões cooperativas no grupo experimental, a cooperação e a competição estão ligadas em jogos coletivos. Os resultados das partidas demonstraram importância para as relações entre companheiros.
MENDES; PAIANO; FILGUEIRAS	2010	Brasil	Verificar se os jogos cooperativos podem influenciar positivamente nas atitudes e no relacionamento de crianças. Descrever de que forma professores em formação podem refletir sobre sua própria prática para construir conhecimentos sobre o processo ensino e aprendizagem de aspectos atitudinais.	22 crianças de 10 a 11 anos.	Estudo Transversal. Foram realizadas entrevistas com as crianças e os professores que realizaram as atividades.	As entrevistas demonstraram que as crianças foram capazes de relatar o impacto positivo dos jogos cooperativos na melhoria de suas atitudes e relacionamento. Foi observado que os jogos cooperativos trouxeram importantes valores à tona durante a sua realização, como respeito mútuo, companheirismo e solidariedade.
EVIN; SÈVE; SAURY	2014	França	Observar ligações entre cooperação e confiança de julgamentos entre os companheiros. Caracterizar os processos pelos quais os alunos construíram julgamentos de confiança nas interações cooperativas didáticas durante as aulas de escalada.	Dois jovens da 10 th Grade	Estudo Transversal. Foram Realizadas quatro aulas de escalada, os alunos revezaram entre alpinista e <i>belayer</i> (<i>aquela que auxilia o alpinista ficando no solo e observando a escalada</i>). As aulas foram filmadas para análise posterior da comunicação e do comportamento e após cada sessão eram realizadas entrevistas.	Os resultados evidenciaram que a necessidade da cooperação entre os dois indivíduos para realização das tarefas gerou uma relação de confiança. A confiança do alpinista para com o <i>belayer</i> surgiu a partir do reconhecimento das qualidades do mesmo, que surgiram com o convívio. Os alunos na situação do alpinista exibiam processos típicos para construir um julgamento de confiança sobre o parceiro, esse julgamento de confiança parece ser um elemento importante na promoção e na regulação de interações cooperativas entre os alunos.

Tabela 3 – Estudos que abordaram os processos competitivos e cooperativos.

Autor	Ano	País	Objetivo	Amostra	Procedimentos	Resultados / Discussão
TAUER; HARACKIE WICZ	2004	EUA	Examinar os efeitos da competição e cooperação na	Estudo 1: 36 meninos (média de 12,4 anos). Estudo 2: 111	Estudo Transversal. Estudo 1: Participantes realizaram três diferentes atividades da modalidade basquetebol, uma delas consistia em uma condição pura de cooperação, outra em	Estudo 1: A competição entre grupos obteve níveis mais altos de prazer e desempenho em tarefas do que pura cooperação e pura competição. Não foi encontrada diferença entre

			motivação intrínseca.	meninos (média de 11,6 anos). Estudo 3: 126 participantes. Estudo 4: 238 participantes, 196 meninos e 32 meninas, com idade de 9 a 15 anos.	condição pura de competição e por fim uma condição de competição em grupo. Nas três atividades foram avaliados os níveis de desempenho, foi perguntado o nível de divertimento e o nível de motivação intrínseca foi reportado por meio de escala. Estudo 2: Foi inserida mais uma atividade além das que foram realizadas no estudo 1, denominada objetivo individual, que serviu como controle. Nesta o resultado obtido era utilizado como meta nas três outras próximas situações. Estudo 3: Participantes passaram pelas mesmas quatro atividades do estudo 2. Os participantes foram questionados sobre o quanto gostariam de participar com a outra pessoa na atividade; quão importante seria atingir seu objetivo (avaliação de competências); quão desafiadora a situação parecia; e quão amigável, cooperativo e competitivo eles se sentiriam em cada situação. Os participantes foram então convidados a escolher quais das quatro condições seriam mais agradáveis. Por fim, os participantes foram solicitados a descrever porque considerariam essa condição mais agradável. Estudo 4: Participantes foram divididos em cinco grupos: objetivo individual, cooperação pura em grupo de dois, cooperação pura em grupo de quatro, competição pura e competição em grupo. Para avaliação foi realizada uma mescla dos procedimentos dos estudos anteriores.	cooperação pura e competição pura no prazer ou no desempenho da tarefa. A combinação de cooperação e competição para formar a competição entre grupos resulta em resultados mais positivos. Estudo 2: Os resultados deste estudo confirmaram os resultados obtidos no estudo 1. A atividade de objetivo individual seguiu o mesmo padrão das atividades de pura competição e pura cooperação. Foi documentado relação positiva entre desempenho e prazer. Crianças que atingiram seu objetivo tiveram maior nível de prazer. Estudo 3: Foram confirmados os resultados dos estudos 1 e 2 mesmo utilizando um procedimento diferente. Participantes em condições de competição relataram níveis mais altos de excitação competitiva, enquanto os participantes em condições de cooperação relataram níveis mais altos de entusiasmo interpessoal. No entanto, apenas os participantes da competição em grupo foram maiores em ambos os processos. Estudo 4: Os resultados dos estudos anteriores se confirmaram mesmo adicionando grupos de cooperação pura com maior número de membros. Resultado Geral: Esses achados sugerem que tanto a competição quanto a cooperação têm aspectos positivos e que a estruturação de atividades recreativas para incluir ambas pode facilitar altos níveis de motivação intrínseca e desempenho.
PONS et al.	2016	Espanha	Relacionar a ansiedade competitiva com o compromisso desportivo e grau de cooperação desportiva como variável influente.	144 jogadores de basquetebol com 13 aos 17 anos.	Estudo Transversal. Foram utilizados os questionários, <i>Sport Anxiety Scale-2</i> , <i>Sport Commitment</i> e <i>Questionnaire</i> , <i>Cuestionario de Cooperación Deportiva</i>	Os resultados demonstraram correlação positiva entre cooperação e o comprometimento no esporte. Houve associação negativa entre ansiedade competitiva com alguns subtipos de cooperação.

4. DISCUSSÃO

Ao analisar os resultados observou-se notoriamente o predomínio dos artigos cujo tema principal foi a competição nas atividades esportivas. Isso se deve ao formato tradicional do esporte, que consiste no sucesso ou falha de uma equipe ou indivíduo, perante os adversários (HENKEL, 1997). Entretanto, apesar do esporte possuir as dimensões de participação, rendimento e educacional, o fator educacional sempre estará presente, principalmente na iniciação esportiva (BALBINO; PAES, 2005). Isso ocorre devido ao fato da educação ter um caráter permanente, ou seja, o simples ato de praticar ou assistir esporte já implica em uma atividade educacional (BALBINO; PAES, 2005). O que evidencia a necessidade de sempre encarar o ensino dos esportes com um caráter de participação, e ver além da competição não deixando as necessidades gerais das crianças e adolescentes em segundo plano (REVERDITO; SCAGLIA; MONTAGNER, 2013).

Após a análise dos resultados dos estudos considerados nessa revisão, tornou-se evidente que a maioria dos benefícios da prática esportiva competitiva são intensificados quando os resultados são favoráveis (GRUBER; GRAY, 1982; SCANLAN; PASSER, 1980; VIERIMAA; BRUNER; COTE, 2018). Inclusive, grande parte dos prejuízos de tal prática estão associados com resultados negativos ou desempenhos insatisfatórios (SCANLAN; PASSER, 1980; VIERIMAA; BRUNER; COTE, 2018). Ainda assim, quando indivíduos que realizam as práticas esportivas predominantemente competitivas foram comparados com os que não realizam nenhum tipo de esporte, apresentaram melhor nível de autoestima, seja na vitória ou derrota (FINDLAY; BOWKER, 2009). Os benefícios da competição também estão associados ao tempo de prática e a competência percebida, ou seja, quanto mais tempo o indivíduo pratica as atividades competitivas, tão melhor será seu desempenho e percepção desse desempenho, o que torna os benefícios potencializados (BOYD; YIN, 1996; FINDLAY; BOWKER, 2009). Consequentemente, pode-se afirmar que a competição segrega, de certa forma, os participantes, pois seus benefícios são colhidos apenas, ou em maior parte, pelos vencedores,

enquanto os perdedores permanecem com os resultados danosos (BROTTO, 1999).

O nível de competição também demonstrou possuir uma relação, mesmo que mínima, com os benefícios provenientes da competição, pois os objetivos e os valores associados se alteraram conforme as exigências de cada nível (FINDLAY; BOWKER, 2009; GRUBER; GRAY, 1981; GRUBER; GRAY, 1982). Os resultados mostraram que atletas mais jovens de basquetebol em nível escolar, com menos exigências de desempenho, dão maior importância ao desempenho da equipe e menos ao desempenho individual, diferentemente dos atletas de basquetebol de nível universitário, onde a situação se inverte, e a maior satisfação passa a ser com o desempenho individual (GRUBER; GRAY, 1981; GRUBER; GRAY, 1982). Entretanto, relativamente aos fatores da autoestima, o único fator que se alterou entre os níveis de competição foi a competência percebida, que é maior para jovens atletas de elite (FINDLAY; BOWKER, 2009).

Dentre os benefícios da competição foi destacada a satisfação com prática e performance (GRUBER; GRAY, 1981; GRUBER; GRAY, 1982; PUENTE-DÍAZ, 2012). A satisfação com a performance pode ser dividida entre satisfação com a performance da equipe e satisfação com a performance individual (GRUBER; GRAY, 1981). A satisfação mostrou-se maior em indivíduos que possuem melhor desempenho e percebem-se mais competentes (BOYD; YIN, 1996; GRUBER; GRAY, 1982), o que demonstra a necessidade de atenção, por parte dos professores e treinadores, sobre a satisfação daqueles jovens que possuem o rendimento inferior à média do grupo (BOYD; YIN, 1996).

Outros benefícios constantemente ressaltados foram os valores sociais, os quais não estão sempre estreitamente associados a práticas puramente competitivas, mas sim ao esporte em geral. Sendo assim, analisando resultados de estudos que separam as práticas competitivas das cooperativas, pode-se perceber que alguns desses valores podem estar relacionados a práticas cooperativas dentro do esporte, entre os quais destacam-se fatores de coesão, coleguismo, cuidado, companheirismo, comportamento pró-social e comunicação (LAFONT; PROERES; VALLET, 2007; MENDES; PAIANO; FILGUEIRAS, 2010). Já valores como sucesso, conformidade, cumprimento

regras, justiça, “jogo limpo”, obediência, preocupação com a imagem, esportividade, vontade de expressar habilidades, vontade de vencer, autonomia e responsabilidade caracterizam-se a partir do processo de vencer ou perder (DOMÍNGUEZ; CABEZÓN; SÁNCHEZ, 2015; PUENTE-DÍAZ, 2012; TAUER; HARACKIEWICZ, 2004). Por fim, valores como divertimento e preocupação com a saúde e aptidão física são provenientes da simples prática da atividade física (BLOOM et al., 2013). A figura 2 exemplifica esta divisão de valores.

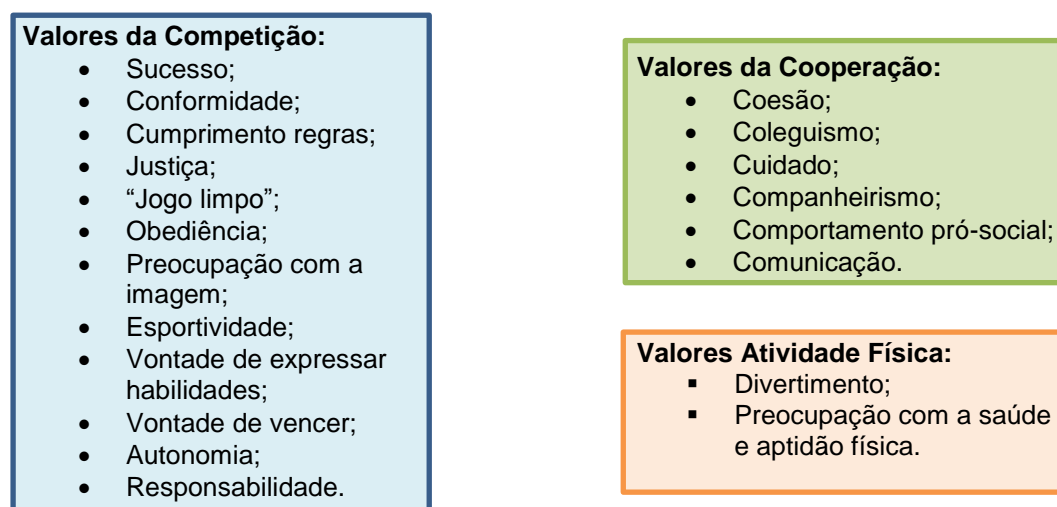


Figura 2. Divisão dos valores sociais provenientes da iniciação esportiva.

Os valores adquiridos com as atividades cooperativas, supracitados, minimizam os prejuízos presentes nas atividades competitivas, principalmente em caso de derrotas (FOSTER, 1984). Os estudos indicaram que o desempenho está relacionado com a auto percepção e o ego. Desse modo, os resultados negativos podem prejudicar a autoestima, diminuir a confiança e gerar comportamento antissocial (LEE, 2008; SCANLAN; PASSER, 1980; VIERIMAA; BRUNER; CÔTÉ, 2018).

A competição mal orientada também acarreta em problemas como agressividade, atos antidesportivos, trazendo valores deturpados aos jovens praticantes (DOMÍNGUEZ; CABEZÓN; SÁNCHEZ, 2015; STUART, 2006; TASSI; SCHNEIDER, 1997). Outro causador de complicações nesse processo é o comportamento inadequado dos técnicos e professores diante das crianças e adolescentes ilustrado por ações injustas, desrespeito aos adversários e

árbitros, além de comportamento egoísta, fazendo com que os atletas enfrentem dilemas morais com uma referência negativa (STUART, 2003).

Os jovens competidores passam também por adversidades relacionadas ao estresse, principalmente em atletas que apresentam pior rendimento, níveis baixos de autoconfiança, praticam modalidades cujas habilidades motoras são predominantemente comuns, são perfeccionistas, possuem maior medo de falhar e maior preocupação com o desempenho, além de sofrer mais com a pressão dos técnicos e familiares (DONACHIE; HILL; HALL, 2018; GROSSBARD et al., 2009; PSYCHOUNTAKI; ZERVAS, 2000; RAMIS; TORREGROSA; CRUZ, 2013; SCANLAN; LEWTHWAITE, 1984; LEWTHWAITE; SCANLAN, 1989; SMITH 1983). Os principais sintomas da ansiedade competitiva encontrados foram baixa autoestima, maior descontentamento com resultado ruim e preferência por evitar situações competitivas (LEWTHWAITE; SCANLAN, 1989). O estresse competitivo exacerbado além de prejudicar o desempenho esportivo traz problemas para os atletas em um contexto geral, o que traz à tona a importância de um acompanhamento psicológico com as crianças e adolescentes submetidos a grandes níveis de atividades competitivas (PSYCHOUNTAKI; ZERVAS, 2000; SCANLAN; LEWTHWAITE, 1984).

Para lidar com situações de estresse agudo durante as práticas competitivas, os atletas utilizam diferentes estilos e estratégias de enfrentamento, sendo esse um mecanismo para lidar com as situações estressantes (ANSHEL, 1996). Foi constatado que o estilo de enfrentamento de evitação, caracterizado pela iniciativa do indivíduo de esquecer os problemas e seguir em frente, foi mais eficiente para os atletas principalmente nas modalidades em que o ambiente das habilidades motoras é aberto, como nos esportes coletivos (ANSHEL, 1996). Já para lidar com resultados negativos, foi reportado que para autoproteção crianças tendem a atribuir o resultado a fatores externos, como nível de dificuldade imposta pelo adversário e sorte (SCANLAN; PASSER, 1980). Diferentemente de crianças que atingem resultados positivos, que atribuem sua causalidade a fatores internos, como desempenho individual e habilidade (SCANLAN; PASSER, 1980).

Dessa forma, as atividades cooperativas mostram-se como uma importante ferramenta para saúde psicossocial de crianças e adolescentes

participantes da iniciação esportiva, seja para introdução de valores, incentivo ao coleguismo, ao jogo coletivo, melhora do desempenho coletivo, aperfeiçoamento das habilidades táticas ou a motivação de uma relação de confiança. (EVIN; SEVE; SAURY, 2014; LAFONT; PROERES; VALLET, 2007; MENDES; PAIANO; FILGUEIRAS, 2010). Entretanto, as atividades competitivas também são importantes no desenvolvimento dos indivíduos em um contexto geral e de atletas (TAUER; HARACKIEWICZ, 2004; DE ROSE JR., 2002). Ademais, a competição mostrou-se também mais eficiente para motivação da prática esportiva e de atividade física em geral para crianças e adolescentes (TAUER; HARACKIEWICZ, 2004).

Isto posto, é possível perceber que a competição e a cooperação complementam-se para otimizar os benefícios da iniciação esportiva para crianças e adolescentes. Em conjunto, as duas abordagens podem contribuir para um ambiente com experiências diversificadas que garantem um desenvolvimento biopsicossocial saudável, contemplam quesitos sociais, psicológicos, físicos e motores, e preparam os jovens para a vida em sociedade e para lidar com as demandas do cotidiano de um atleta de alto rendimento.

Algumas limitações deste estudo devem ser destacadas. Apenas foram selecionados artigos na língua portuguesa, espanhola e inglesa, embora contemplem a maior parte da literatura, alguns estudos em outros idiomas foram excluídos, o que pode ter limitado o enriquecimento dos resultados. Apesar da tentativa de deixar os critérios da maneira mais adequada possível o tema também se demonstrou bastante abrangente, e carecer de uma profunda reflexão, tornando uma conclusão que traga diretrizes exatas aos profissionais difícil de ser realizada.

5. CONCLUSÃO

Mediante os resultados encontrados nos estudos desta revisão, notou-se nenhuma das abordagens, isoladamente, podem atender a todas as necessidades das crianças e adolescentes em desenvolvimento. Contudo, em conjunto, de modo bem articulado e conduzido pelos professores e técnicos, podem permitir que os benefícios sejam intensificados e os prejuízos diminuídos.

Constatou-se, também, a necessidade de mais estudos que relacionem as implicações das atividades cooperativas no desempenho esportivo e no comportamento de crianças e adolescentes, haja vista a carência de estudos que comparem os efeitos da competição e da cooperação nos jovens praticantes de iniciação esportiva. Assim, sugere-se que sejam realizadas pesquisas para associar os efeitos da competição e cooperação nos três domínios do comportamento: psicossocial, motor e cognitivo.

Em suma, os achados poderão informar e sensibilizar professores e técnicos da iniciação esportiva da importância de incorporar atividades competitivas e cooperativas nesse contexto, para oportunizar os benefícios de ambas as abordagens em prol dos jovens, a fim de obter um trabalho mais efetivo e prazeroso.

REFERÊNCIAS

- ANSHEL, Mark. Coping styles among adolescent competitive athletes. **The Journal of Social Psychology**, v. 136, n. 3, p. 311-323, 1996.
- ARENA, Simone Sagres; BÖHME, Maria Tereza Silveira; Programas de iniciação e especialização esportiva na grande São Paulo. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 184-195, jul./dez., 2000.
- BALBINO, Hermes Ferreira; PAES, Roberto Rodrigues; **Pedagogia do esporte: contextos e perspectivas**. Rio de Janeiro: Guanabara, 2005.
- BELTRAME, André Luiz Normanton; SAMPAIO, Tânia Mara Vieira; Atendimento Especializado em Esporte Adaptado: Discutindo a Iniciação Esportiva Sob a Ótica da Inclusão. **Revista da Educação Física UEM**. Máringa, v.26, n.3, jul./set., 2015.
- BLOM, Lindsay; BRONK, Kendall; COAKLEY, Jay; LAUER, Larry; SAWYER, Thomas; Maximizing the Benefits of Youth Sport. **Journal of Physical Education, Recreational and Dance**, v. 84, n. 7, p. 8-13, set. 2013.
- BOYD, Michael P.; YIN, Zenong. Cognitive-affective sources of sport enjoyment in adolescent sport participants. **Adolescence**, v. 31, n. 122, p. 383, 1996.
- BROTTO, Fábio Otuzi. **Jogos cooperativos: o jogo e o esporte como um exercício de convivência**. 1999.
- CHRISTIANA, Richard W.; WEST, Stephanie T.; DAVIS, Marsha. The Role of Competition in Leisure-Time Physical Activity Among Middle School Youth: Implications for Park and Recreation Professionals. **Journal of Park & Recreation Administration**, v. 35, n. 3, 2017.
- CORREIA, Marcos Miranda; Jogos cooperativos: perspectivas, possibilidades e desafios na educação física escolar. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 27, n. 2, p. 149-164, jan. 2006.
- DE CHAVES, Raquel Nichele et al. Desempenho coordenativo de crianças: construção de cartas percentílicas baseadas no método LMS de Cole e Green. **Revista brasileira de educação física e esporte**, v. 27, n. 1, p. 25-42, 2013.
- DOMÍNGUEZ, Rubén Veroz; CABEZÓN, José María Yagüe; SÁNCHEZ, Belén Tabernero. Incidencia de dos modelos de competición de fútbol sobre los valores socio-educativos en prebenjamines. **Retos: nuevas tendencias en educación física, deporte y recreación**, n. 28, p. 84-89, 2015.
- DONACHIE, Tracy C.; HILL, Andrew P.; HALL, Howard K. The relationship between multidimensional perfectionism and pre-competition emotions of youth footballers. **Psychology of Sport and Exercise**, v. 37, p. 33-42, 2018.

EVIN, Agathe; SÈVE, Carole; SAURY, Jacques. Construction of trust judgments within cooperative dyads. **Physical Education and Sport Pedagogy**, v. 19, n. 2, p. 221-238, 2014.

FINDLAY, Leanne C.; BOWKER, Anne. The link between competitive sport participation and self-concept in early adolescence: A consideration of gender and sport orientation. **Journal of youth and adolescence**, v. 38, n. 1, p. 29-40, 2009.

FOSTER, Wayne K. Cooperation in the game and sport structure of children: One dimension of psychosocial development. **Education**, v. 105, n. 2, 1984.

GALLAHUE, David L.; OZMUN, John C.; GOODWAY, Jackie D.; **Compreendendo o Desenvolvimento Motor: bebês, crianças, adolescentes e adultos**. 7ª Edição, Porto Alegre: Artmed, 2013.

GIMENO, Fernando; BUCETA, José; PÉREZ-LLANTADA, Carmen. Influencia de las variables psicológicas en el deporte de competición: evaluación mediante el cuestionario Características psicológicas relacionadas con el rendimiento deportivo. **Psicothema**, v. 19, n. 4, p. 667-672, 2007.

GRECO, Juan Pablo; BENDA, Rodolfo Novellino; **Iniciação Esportiva Universal**. Belo Horizonte: UFMG, 2007.

GROSSBARD, Joel R.; SMITH, Ronald E.; SMOLL, Frank L.; CUMMUNG, Sean P.. Competitive anxiety in young athletes: Differentiating somatic anxiety, worry, and concentration disruption. **Anxiety, Stress, & Coping**, v. 22, n. 2, p. 153-166, 2009.

GRUBER, Joseph J.; GRAY, Gary R. Factor patterns of variables influencing cohesiveness at various levels of basketball competition. **Research Quarterly for Exercise and Sport**, v. 52, n. 1, p. 19-30, 1981.

GRUBER, Joseph J.; GRAY, Gary R. Responses to forces influencing cohesion as a function of player status and level of male varsity basketball competition. **Research Quarterly for Exercise and Sport**, v. 53, n. 1, p. 27-36, 1982.

HENKEL, Steven A. Monitoring competition for success. **Journal of Physical Education, Recreation & Dance**, v. 68, n. 2, p. 21-28, 1997.

KROGER, Christian; ROTH, Klaus; **Escola da Bola: Um ABC para iniciantes nos jogos esportivos**. 2ª Edição, São Paulo : Phorte, 2005.

KRÖGER, Christian; ROTH, Klaus; MEMMERT, Daniel. **Escola da bola: um ABC para iniciantes nos jogos esportivos**. Phorte, 2006.

LAFONT, Lucile; PROERES, Michel; VALLET, Cécile. Cooperative group learning in a team game: role of verbal exchanges among peers. **Social Psychology of education**, v. 10, n. 1, p. 93-113, 2007.

LEE, Martin J.; COCKMAN, Michael. Values in children's sport: Spontaneously expressed values among young athletes. **International Review for the Sociology of Sport**, v. 30, n. 3-4, p. 337-350, 1995.

LEE, Martin J.; WHITEHEAD, Jean; NTOUMANIS, Nikos; HATZIGEORGIADIS, Antonis. Relationships among values, achievement orientations, and attitudes in youth sport. **Journal of sport and exercise psychology**, v. 30, n. 5, p. 588-610, 2008.

LEWTHWAITE, Rebecca; SCANLAN, Tara K. Predictors of competitive trait anxiety in male youth sport participants. **Medicine & Science in Sports & Exercise**, 1989.

LOVISOLO, Hugo Rodolfo; BORGES, Carlos Nazareno Ferreira; MUNIZ, Igor Barbarioli; Competição e cooperação: na procura do equilíbrio. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v. 35, n. 1, p. 129-143, jan./mar., 2013.

MEDINA-PAPST, Josiane; MARQUES, Inara. Avaliação do desenvolvimento motor de crianças com dificuldades de aprendizagem. **Rev Bras Cineantropom Desempenho Hum**, v. 12, n. 1, p. 36-42, 2010.

MENDES, Ligia Calandro; PAIANO, Ronê; FILGUEIRAS, Isabel Porto. Jogos cooperativos: eu aprendo, tu aprendes e nós cooperamos. **Revista Mackenzie de Educação física e esporte**, v. 8, n. 2, 2010.

MOEIJES, Janet; VAN BUSSCHBACH, Jooske T.; BOSSCHER, Ruud J.; TWISK, Jos W. R.. Sports participation and psychosocial health: a longitudinal observational study in children. **BMC public health**, v. 18, n. 1, p. 702, 2018.

NETO, Carlos. A criança e o jogo: perspectivas de investigação. **A escola e a criança em risco-intervir para prevenir**, p. 31-51, 2001.

OLIVEIRA, Sérgio Ricardo de Souza; JUNIOR, Helio Serassuelo; SIMÕES, Antonio Carlos. Seleção paulista masculina de judô: estudo do comportamento das tendências competitivas entre atletas federados. **Revista Brasileira de Cineantropometria e Desempenho Humano**, v. 8, n. 4, p. 82-90, 2006.

PONS, J.; RAMIS, Y.; GARCIA-MAS, A.; LOPEZ DE LA LLAVE, A.; PÉREZ-LLANRADA, M.C.. Perception of competitive anxiety in relation to cooperation level and sport commitment upon formative basketball players. **Cuadernos de Psicología del Deporte**, v. 16, n. 3, p. 45-54, 2016.

PUENTE-DÍAZ, Rogelio. The effect of achievement goals on enjoyment, effort, satisfaction and performance. **International Journal of Psychology**, v. 47, n. 2, p. 102-110, 2012.

PSYCHOUNTAKI, Maria; ZERVAS, Yannis. Competitive worries, sport confidence, and performance ratings for young swimmers. **Perceptual and Motor Skills**, v. 91, n. 1, p. 87-94, 2000.

RAMIS, Yago; TORREGROSA, Miquel; CRUZ, Jaume. Revisitando a Simon & Martens: la ansiedad competitiva en deportes de iniciación. **Revista de psicología del deporte**, v. 22, n. 1, p. 77-83, 2013.

REVERDITO, Riller Silva; SCAGLIA, Alcides José; MONTAGNER, Paulo Cesar. **Pedagogia do esporte: aspectos conceituais da competição e estudos aplicados**. São Paulo: Phorte, 2013.

ROSE JUNIOR, Dante D; A competição como fonte de estresse no esporte. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**. Brasília, v. 10, n.4, p. 19-26, out., 2002.

ROSE JUNIOR, Dante D.; **Esporte e atividade física na infância e na adolescência, uma abordagem multidisciplinar**. 2ª edição, Porto Alegre: Artmed, 2009.

SAMPAIO, RF; MANCINI, MC; Estudos de revisão sistemática: Um guia para síntese criteriosa da evidência científica. **Revista Brasileira de Fisioterapia**. São Carlos, v. 11, n.1, p. 83-89, 2007.

SCANLAN, Tara K.; PASSER, Michael W. The attributional responses of young female athletes after winning, tying, and losing. **Research Quarterly for Exercise and Sport**, v. 51, n. 4, p. 675-684, 1980.

SCANLAN, Tara K.; LEWTHWAITE, Rebecca. Social psychological aspects of competition for male youth sport participants: I. Predictors of competitive stress. **Journal of sport psychology**, v. 6, n. 2, p. 208-226, 1984.

SCANLAN, Tara K.; LEWTHWAITE, Rebecca; JACKSON, Bruce L. Social Psychological Aspects of Competition for Male Youth Sport Participants: II. Predictors of Performance Outcomes. **Journal of Sport Psychology**, v. 6, n. 4, 1984.

SMITH, Theresa. Competition trait anxiety in youth sport: differences according to age, sex, race and playing status. **Perceptual and motor skills**, v. 57, n. 3_suppl, p. 1235-1238, 1983.

STUART, Moira E. Moral issues in sport: The child's perspective. **Research quarterly for exercise and sport**, v. 74, n. 4, p. 445-454, 2003.

TANI, Go; BENTO, Jorge Olimpio; PETERSEN, Ricardo Demétrio de Souza; **Pedagogia do Desporto**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

TASSI, Fulvio; SCHNEIDER, Barry H. Task-Oriented Versus Other-Referenced Competition: Differential Implications for Children's Peer Relations 1. **Journal of Applied Social Psychology**, v. 27, n. 17, p. 1557-1580, 1997.

TAUER, John M.; HARACKIEWICZ, Judith M. The effects of cooperation and competition on intrinsic motivation and performance. **Journal of personality and social psychology**, v. 86, n. 6, p. 849, 2004.

THOMASSEN, Tor Oskar; HALVARI, Hallgeir. Achievement motivation and involvement in sport competitions. **Perceptual and motor skills**, v. 83, n. 3_suppl, p. 1363-1374, 1996.

VIERIMAA, Matthew; BRUNER, Mark W.; CÔTÉ, Jean. Positive youth development and observed athlete behavior in recreational sport. **PloS one**, v. 13, n. 1, p. e0191936, 2018.

WEIBERG, Robert S.; GOULD, Daniel; **Fundamentos da Psicologia do Esporte e do Exercício**. 4ª Edição, Porto Alegre: Artmed, 2007.